



"Triângulo amoroso"

Às folhas tantas do livro matemática um quociente apaixonou-se um dia, doidamente por uma incógnita.

Olhou-a com o seu olhar inumerável, e viu-a, do Ápice à base.

Olhos rombóides, boca trapezóide.

Corpo octogonal, seios esferóides.

Fez da sua vida paralela à dela até que se encontraram no infinito.

"Quem és tu?" indagou ele com ânsia radical.

Eu sou a soma dos quadrados dos catetos.

Mas pode-me chamar de "hipotenusa" e de falarem descobriram que eram

- o que em Aritmética, corresponde a almas - primos entre si - e assim se amaram.

Ao quadrado da velocidade da luz, numa sexta potenciação, traçando ao sabor do momento e da paixão. Rectas, curvas, círculos e linhas senoidais...

Nos jardins da Quarta Dimensão escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidianas e os exegetas do Universo Finito.

Romperam convenções newtonianas e Pitagóricas. E, enfim, resolveram se casar, constituir um lar, mais que um lar.

Uma perpendicular.

Convidaram para padrinhos o poliedro e a bissetriz.

E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro sonhando com a felicidade integral e diferencial.

E se casaram e tiveram uma secante e três cones muito engraçadinhos.

E foram felizes até aquele dia, em que tudo, afinal, vira monotonia.

Foi então que surgiu o máximo divisor comum frequentador de círculos concêntricos viciosos. Ofereceu-lhe a ela, uma grandeza absoluta.

E reduzia-a a um denominador comum.

Ele, quociente, percebeu que com ela não formava mais um todo, uma unidade. Era o triângulo, tanto chamado amoroso. Desse problema ela era a fracção mais ordinária. Mas foi então que Einstein descobriu a relatividade e tudo que espúrio passou a ser moralidade...

Como aliás, em qualquer Sociedade...